



1ª edição

Jorge Fernando dos Santos

Primavera dos mortos

ENTRE
LINHAS
SOCIEDADE

Ilustrações: Alexandre Camanho



Atual
Editora

Série Entre Linhas

Gerente editorial • Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira
Editora-assistente • Solange Mingorance
Coordenação e produção editorial • Todotipo Editorial
Assistente editorial • Isadora Prospero
Revisão de texto • Letícia Vendrame e Bárbara Prince
Preparação de texto • Cláudia Cantarin

Diagramação • Daniela Rocha
Produtor gráfico • Rogério Strelciuc

Projeto gráfico (miolo e capa) • Homem de Melo & Troia Design
Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Maria Sylvia Corrêa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jorge Fernando dos
Primavera dos mortos / Jorge Fernando dos Santos ;
ilustrações Alexandre Camanho. – São Paulo : Atual,
2011. – (Entre Linhas: Sociedade)
Inclui roteiro de leitura
ISBN 978-85-357-1389-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

11-05349

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Jorge Fernando dos Santos, 2011.

SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.coletivoleitor.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
Todos os direitos reservados.

4ª tiragem, 2019

CL: 810519
CAE: 576078

Sumário

Primeira Parte

1. Aguaceiro 9

2. Siá Zizinha 11

3. Leôncio Duarte 14

4. Ascânio Benevides 18

5. Leôncio Duarte 21

6. Padre Wenceslau 24

7. Galeno Valadares 27

8. Arlindo de Moura 30

9. Padre Wenceslau 34

10. Leôncio Duarte 37

Segunda Parte

11. Vendaval 41

12. Ascânio Benevides 43

13. Arlindo de Moura 45

14. Juscelino Baptista 48

15. Helena de Moura 51

16. Galeno Valadares 54

17. Gláucia Maria 57

18. Ascânio Benevides 59

19. Arlindo de Moura 61

20. Juscelino Baptista 65

Terceira Parte

21. Fogaréu 68

22. Gonçalo Sobrinho 70

23. Leôncio Duarte 71

24. Padre Wenceslau 73

25. Gláucia Maria 75

26. Galeno Valadares 77

27. Siá Zizinha 79

28. Ascânio Benevides 81

29. Gonçalo sobrinho 83

30. Leôncio Duarte 84

Quarta Parte

31. Terremoto 88

32. Juscelino Baptista 90

33. Gláucia Maria 93

34. Galeno Valadares 95

35. Siá Zizinha 100

36. Ascânio Benevides 103

37. Juscelino Baptista 107

38. Galeno Valadares 109

39. Padre Wenceslau 114

40. Ascânio Benevides 117

Para Vilma e Bárbara, como sempre.

“O autor é uma sombra, a serviço de coisas mais altas,
que às vezes ele nem entende.”

João Guimarães Rosa

Primeira Parte

Aguaceiro



Sexta-feira quente e abafada em Morro do Calvário. As doze badaladas do sino da matriz do Rosário ecoam noite adentro, finalizando mais um dia sem novidades. O que ninguém desconfia, no entanto, é que um acontecimento inusitado logo vai quebrar a rotina do lugarejo.

Em questão de segundos, o tempo começa a virar. Sapos e grilos interrompem a serenata corriqueira. Nuvens escuras, empurradas pelo vento que sopra do Nordeste, apagam do céu a lua e as estrelas. Relâmpagos riscam o firmamento e o som da última badalada é abafado por um estalido seco quando a tempestade começa a cair.

Alguns minutos de chuva torrencial, com o granizo saltitando nos telhados enegrecidos pelo tempo, são suficientes para que uma forte enxurrada desça a colina pintando as ruas com a lama sanguínea do minério de ferro.

Árvores de raízes apodrecidas têm seus galhos ou troncos arrancados pelo vento e arrastados pelas águas ribanceira abaixo. A queda de um raio sobrecarrega a rede elétrica e danifica um transformador no alto de um poste, na praça da matriz. As casas somem no breu para

ressurgir em intervalos imprecisos sob o clarão dos relâmpagos, como aparições fantasmagóricas.

O ribeirão das Mortes não demora a engordar. Feito uma fera enjaulada ansiosa para se soltar das grades, começa a emitir um som gorgolejante e ameaçador. Moradores ribeirinhos abandonam suas casas e vão bater na porta dos vizinhos de terras mais altas, em busca de abrigo. Temem que se repita a tragédia ocorrida três anos antes, quando a enchente carregou a ponte centenária e levou consigo duas pessoas léguas abaixo, até o leito do São Francisco.

Desta vez, contrariando os temores públicos, a natureza ignora os vivos, como se preferisse perturbar o sono dos mortos. O aguaceiro derruba o muro branco do cemitério municipal, aos pés da colina pedregosa. A enxurrada profana sepulturas e deixa à flor da terra ossadas que só serão notadas depois do amanhecer.

O temporal não dura meia hora, mas é o suficiente para causar estragos e instigar medo e desamparo na população. E assim como veio, veloz e imprecisa, a tormenta segue para longe na crista de nuvens carregadas, deixando atrás de si uma chuva fina que atravessará a madrugada.

Siá Zizinha



O galo índio bateu asas no terreiro. Pulei da cama antes mesmo de ouvir seu canto madrugador. Joguei sobre a camisola de seda branca o xale preto de franjas compridas e escancarei a janela do quarto que dava para os fundos de casa.

Devo ter sido a primeira alma a despertar em Morro do Calvário, naquela manhã de muita friagem. A água da chuva ainda pingava das telhas coloniais e o cheiro lodoso de terra molhada irritou fortemente meu nariz, como se eu estivesse prestes a pegar uma gripe.

Empoleirado na goiabeira do nosso quintal, o galináceo castanho de espora quebrada e um olho vazado bateu asas novamente. Depois emitiu aquele canto curto e grave, típico dos galos de briga, que ecoou redondeza afora como se quisesse despertar o mundo inteiro.

Peguei sobre a cômoda de jacarandá o tacho de cobre cheio de água recolhida de uma goteira ao longo da noite. Ao esvaziá-lo no terreiro através da janela, deliciei-me com o aroma do capim-marmelo trazido pela brisa. Admirei por um instante o efeito dos pri-

meios raios de sol no horizonte alaranjado, por cima do casario que meus olhos já conheciam de cor.

Àquela altura, o canto do velho campeão das rinhas já era ressonante pelos galos da vizinhança. Ele bateu asas pela terceira vez, garboso e cheio de si, para logo em seguida pular no terreiro com ares de dever cumprido. Logo começou a cocorocar, esgravatando o solo à procura de alimento.

Não demorou muito para que as galinhas e frangas se juntassem a ele na mesma função. Observei que a carijó de pescoço pelado reaparecia no quintal após três semanas de ausência. Trazia consigo uma dúzia de pintinhos esprevidados, de cores diversas, decerto crias de várias poedeiras.

Aquela devia ser a primeira refeição da gulosa ninhada. Dois deles brigaram por uma minhoca, que espicharam no bico até arreventá-la ao meio. Cada qual correu para o seu lado e o pequeno bando se dividiu em dois grupos agitados, feito moleques em times de futebol num campinho de várzea.

Um sabiá pousado na jabuticabeira de seu Adão, do outro lado da cerca de bambu que separava nossos terrenos, entoou um canto tão triste que até senti um aperto no coração. Nem parece que choveu a noite passada, resmunguei melancólica ao ver o céu azulando nas bordas.

E justamente nesse instante, ao mover a cabeça na direção da rua já iluminada pela primeira luz do dia, tive um grande sobressalto. O primeiro de muitos que estavam por vir e dos quais eu nem desconfiava naquele momento. Esfreguei os olhos para afastar as remelas e enxergar melhor o motivo do meu espanto.

“Valei-me, meu São Jorge Guerreiro”, suspirei arregalando os olhos enquanto fazia o sinal da cruz. Meu coração acelerou no peito como se eu tivesse subido uma ladeira.

Do outro lado da cerca de arame farpado, aninhada num monturo de folhas enlameadas entre as raízes do velho jatobá do passeio, uma caveira amarelada feito marfim me espiava pelo oco dos olhos e parecia mostrar um riso de escárnio.

Nunca fui de acreditar em assombração ou em almas do outro mundo. Quem teme o Todo-Poderoso não alimenta superstições, sem-

pre pensei. Depois da morte, os bons vão para o céu e os maus para o inferno, que é o lugar deles. O purgatório, a meu ver, é a antessala do Juízo Final e só Deus é quem pode julgar os mortais. Esse era o meu pensamento acerca da morte, única certeza dos seres viventes.

Naquela manhã eu havia saído da cama antes de rezar a Salve-Rainha e talvez por isso tivesse sentido aquele forte arrepio percorrer-me o corpo. Cogitei ser um castigo dos céus por alguma boa ação que deixara de praticar, ou por um mau juízo precipitado, desses que perpassam o pensamento da gente sem pedir licença.

Oxalá não fosse coisa feita ou um sinal do anjo da morte que viera me buscar tão cedo, muito antes do combinado, pensei, contrariando minhas crenças. Orai e vigiai, disse o Senhor. E, naquele instante, esconjurei.

